



Construção do conhecimento agroecológico em comunidade terapêutica *Construction of agroecological knowledge in a therapeutic community*

RODRIGUES PARREIRAS, Marco Túlio¹; NOGUEIRA CAMPOS LOBATO, Débora²;
SILVA BRIGHENTI, Ludmila¹

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais, marcotulioparreiras@gmail.com; ² Universidade do Estado de Minas Gerais, debora.lobato@uemg.br; ³ Universidade do Estado de Minas Gerais, ludmila.brighenti@uemg.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A Revolução Verde causou consequências sociais, ambientais e econômicas, comprometendo o desenvolvimento rural sustentável. Para contrapor esse movimento, através de saberes tradicionais, surge a Agroecologia com suas metodologias participativas. Neste trabalho, apresentamos um relato descritivo da experiência de Construção do Conhecimento Agroecológico na Comunidade Santa Marina, destinada a acolher as pessoas em vulnerabilidade social. As atividades realizadas na comunidade tiveram como objetivo refletir, discutir e experimentar a agricultura de base agroecológica. Foram utilizadas rodas de conversa, relatos, intervenções culturais, visita técnica e mutirões. Concluímos que um sistema de produção baseado na agroecologia aliado ao diálogo entre os atores deste movimento é boa opção para conquistar a Segurança Alimentar e se apresenta como uma forma de terapia ocupacional para os participantes da comunidade.

Palavras-chave: agroecologia; segurança alimentar; terapia ocupacional; desenvolvimento rural sustentável.

Contexto

A Revolução Verde, proposta em meados do século XX, constitui-se de um pacote técnico-científico incluindo adubação química, irrigação, agrotóxicos, maquinário pesado e monocultivo, para a agricultura, e que se propunha a aumentar a produção de alimento e sanar a fome e a desnutrição do mundo (ALTIERI, 2004). No entanto, as práticas desta agricultura trouxeram problemas de saúde (SOUZA, 2020), ambientais e socioeconômicos (ALTIERI, 2004). Entre estes últimos podemos destacar o êxodo rural daqueles pequenos agricultores que não se adequaram ao pacote proposto, resultando na concentração fundiária (ALTIERI, 2004). Muitas dessas famílias que migraram do campo para as áreas urbanas acabaram à margem da sociedade, infelizes e buscando fugir de diversas maneiras da nova realidade, como o abuso de drogas ou buscando viver à margem das leis (SCHENKER, 2004). Ao invés da fome se erradicar nos anos posteriores à Revolução Verde, ela aumentou e atualmente a flexibilização da regulação dos agrotóxicos contribui para retrocessos na saúde e no ambiente (GURGEL, 2021).

Para contrapor esse declínio no ambiente rural surge a Agroecologia, que traz práticas e conhecimentos socioeconômicos, agronômicos, ecológicos para promover um desenvolvimento que seja mais sustentável e que atue de “baixo para cima” (ALTIERI, 2004). Através da valorização dos conhecimentos ancestrais, de



diferentes culturas, sem distinção de gênero ou etnia, é possível retomar o desenvolvimento rural inclusivo e diverso. Somente assim os sujeitos dessas intervenções de Construção do Conhecimento Agroecológico (CCA) podem se sentir atores e responsáveis pela sua evolução (COTRIM; SOGLIO, 2016).

Os Sistemas Agroflorestais (SAFs), inspirados pelos sistemas agrícolas tradicionais de povos indígenas e comunidades tradicionais da América Central e América do Sul, são baseados em algumas práticas de manejo como a cobertura do solo para protegê-lo e manter a biota presente; consorciamento de culturas e seus devidos espaçamentos; baixa necessidade de insumos agrícolas; nula ou baixa irrigação; estratificação da floresta; e sucessão ecológica (GOTSCH, 1996).

As práticas agroecológicas têm se demonstrado como alternativas eficazes não só para solucionar os problemas ambientais da agricultura, mas também para promover a Segurança Alimentar (SA) das populações. A SA sugere que todos devem ter acesso a alimentação em quantidade e qualidade ideais para uma boa saúde (CAPORAL; COSTABEBER, 2006). No Brasil, nos anos em que houve políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e, consequentemente de sistemas de agricultura que desenvolvem práticas sob os princípios agroecológicos, como por exemplo o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa Nacional de Alimentação Escolar, a insegurança alimentar diminuiu (SOUZA, 2020).

Os SAFs se apresentam como uma terapia ocupacional que quebram comportamentos imediatistas impostos pela sociedade capitalista (FEDRIZZI, 2018). Através das práticas realizadas, o indivíduo pode subjetificá-las associando com sua própria vida, por exemplo, em um contexto de dependência de substâncias químicas, a poda da planta pode levar a uma reflexão sobre a necessidade de algo a ser retirado para o benefício da planta/indivíduo. Um outro exemplo é a adubação da planta, que pode servir para o praticante subjetificar sua alimentação e trazer uma atenção maior para essa questão (FEDRIZZI, 2018). Além das subjetificações individuais, através de mutirões executados para o sistema agrícola e com uma atenção focada para a prática, as relações sociais com os companheiros se estabelecem, minimizando conflitos diretos e trazendo um melhor convívio social (SOUZA, 2018).

Este projeto é fruto de um diálogo feito entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a Comunidade Santa Marina e agricultores da região de Divinópolis - MG que trabalham com sistemas agroflorestais agroecológicos focados em hortaliças. A missão do projeto é promover a CCA e apresentar a Agroecologia como proposta de desenvolvimento rural sustentável para a promoção de Segurança e Soberania Alimentar (CAPORAL; COSTABEBER, 2006), bem como evidenciar a importância dessas ações na proposta de Terapia Ocupacional para os acolhidos e subsidiar futuras ações para implantação e manutenção de sistema produtivo na comunidade Santa Marina.



Sendo assim, o presente trabalho tem o objetivo de relatar e refletir sobre ações para promoção da CCA na comunidade Santa Marina, buscando avaliar os potenciais da CCA em contextos de comunidades terapêuticas.

Descrição da Experiência

A comunidade Santa Marina é gerida pela Associação Clínica de Reabilitação Social Santa Marina, a qual é posseira de um terreno de aproximadamente 4 hectares na zona rural de Betim, próximo ao distrito de Francelinos pertencente ao município de Betim (19.9653° S; 44.2758° O). De acordo com a Caracterização de Ecossistemas, produzido pela Emater de Betim, o clima é considerado tropical de altitude ameno e seco, seu solo é latossolo vermelho argiloso eutrofizado, apresentando alta fertilidade, e situa-se em uma área de transição de Mata Atlântica para o Cerrado, sendo predominantemente Mata Atlântica com fisionomia de Mata de Galeria.

A comunidade destina-se a acolher pessoas em vulnerabilidade social e econômica, às quais enfrentam problemas como abuso de drogas lícitas e ilícitas, sem moradia, quadros de depressão e tendências suicidas, entre outros. Em seu estatuto trata de finalidades as quais incluem práticas terapêuticas, cultos religiosos do Kardecismo, Umbanda e Santo Daime e elaboração e execução de projetos de reinserção social, capacitação profissional, educação ambiental, eventos culturais e produção de alimentos. Na época das intervenções, nove pessoas moravam na comunidade, sendo cinco acolhidas e quatro voluntárias, de idade variada acima de 18 anos, homens e mulheres, diferentes orientações sexuais e de diversidade racial. Os moradores sobrevivem de doações provenientes de um varejão da cidade de Juatuba e dos frequentadores da comunidade. A comunidade também possui uma pequena horta e um pomar com diversas espécies frutíferas, ornamentais e medicinais, além das nativas.

O projeto foi destinado principalmente às pessoas acolhidas na comunidade, contando com o auxílio de seus voluntários e, também do corpo administrativo da mesma. Outras pessoas beneficiadas do projeto foram os frequentadores dos cultos religiosos e outras atividades que acontecem na comunidade.

A Metodologia da Problematização foi escolhida para a estruturação pedagógica e cronológica dos temas abordados, gerando uma provocação e maior interesse dos participantes em saber como solucionar os problemas apresentados e percebidos. Esta metodologia consiste em: observação da realidade e definição do problema de estudo, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade (BERBEL, 1999).

Um primeiro encontro foi realizado na comunidade Santa Marina para entrosamento entre os diferentes atores do projeto. Os presentes apresentaram as suas necessidades e expectativas frente ao projeto. Tendo como objetivo a CCA em sua teoria para a implantação futura de um sistema agroflorestal, foi elaborado um cronograma de ações de intervenção. Essas ações ocorreram na forma de



encontros dinâmicos. As dinâmicas foram estruturadas em 3 encontros nos meses de janeiro e fevereiro.

No primeiro dia de intervenção, foi realizado um Círculo Cultural. Primeiro foram exibidos os seguintes documentários: “História das coisas”, “Agrofloresta é mais” e “Life in Syntropy”. Em seguida, cada participante escreveu a primeira palavra que vinha à mente sobre agroecologia. Começando da direita do mediador, cada um foi explicando sua palavra e aquele participante que encontrasse similaridade podia levantar a mão e explicar a sua palavra, caso ninguém levantasse a mão voltava na ordem original. Após iniciou-se uma roda de conversa, com a mediação do estudante do curso de Ciências Biológicas, que fez as provocativas guiando a conversa para a CCA. Cada fala tinha um limite de 3 minutos. Nesta roda foram apresentados, refletidos e debatidos os problemas sociais, ambientais e econômicos da sociedade, relacionando com a forma que produzimos nossos alimentos (em monocultivo, com irrigação, utilização intensiva de insumos e de agrotóxicos). Foi apresentada também, de forma introdutória, a agroecologia como solução a estes problemas. Essas reflexões buscaram incentivar os presentes a ressignificar sua relação com os alimentos, com outras pessoas do seu convívio social, com a natureza, com o consumismo e como seria possível estabelecer um sistema produtivo na comunidade e quais benefícios isso traria.

No segundo dia, o agricultor familiar Rodrigo Silveira apresentou um relato de sua experiência agroecológica iniciando com a sua apresentação e de sua família. Seu relato contou com a projeção das fotos de seu cultivo e de sua lida juntamente com sua esposa e do filho. A palestra foi mediada, fazendo as provocativas dos tópicos a serem abordados: Segurança Alimentar, Agricultura Familiar, escoamento de produtor em feira e em cestas. Em seguida fizemos uma turnê guiada, mostrando as áreas já cultivadas na comunidade, a pequena horta e o quintal agroflorestal. Foi mostrado um viveiro de mudas construído com bambu e sombrite. Passamos por uma trilha na floresta chegando à uma área de servidão da concessionária de energia da região explicando o projeto de um SAF e seus consórcios.

No terceiro dia, realizamos uma visita técnica a uma fazenda, com SAF, no intuito de trazer os conhecimentos trabalhados nas duas primeiras ações para a realidade. Começamos com a recepção dos membros da Comunidade Santa Marina e com uma descrição da história do desenvolvimento da Fazenda Mabela. Na parte da tarde, o estudante de Ciências Biológicas ministrou uma aula teórica sobre SAFs explicando conceitos como estratificação e sucessão, bem como os interesses envolvidos com a implementação do SAF apresentado. Após esta primeira aula, os participantes foram ao local de implantação e praticaram técnicas como preparo do solo, adubação, abertura de berços das plantas, cobertura do solo e plantio.

Intervenções culturais foram executadas durante todas as ações, como intervenções musicais nas transições das atividades, os ambientes foram enfeitados com panos pintados por artistas voluntariamente e também mandalas “olho de Deus” foram espalhados pelos espaços. Isso faz com que um valor seja dado às culturas



ancestrais, expressões artísticas, bem como a beleza das inspirações da natureza. Além de tornar um ambiente mais vivo e agradável para as aulas.

Resultados

Metodologias participativas, como rodas de conversa, foram utilizadas por proporcionarem um diálogo mais horizontal entre os participantes (DE MELO, 2014). Em uma realidade onde se encontra grande diversidade social o diálogo pode ser facilitado por estas metodologias, diferente do que acontece comumente como relata um participante das ações na comunidade:

[...] E eu acredito que cada vez mais a gente vai lidar com essa biodiversidade, lidar com a floresta, com a agrofloresta de uma forma mais simples e vai conseguir captar esse conhecimento tradicional que o pessoal tem nas comunidades e associar esse conhecimento acadêmico que tá sendo produzido, esse conhecimento científico com o conhecimento popular, tendo um respeito maior por esse conhecimento popular que às vezes a academia não tem. [...] (Aroldo Felipe, 2021)

De acordo com o trabalho de Fedrizzi (2018), percebe-se que as práticas de plantio fazem bem para o contexto social dos participantes, em que um colabora com o outro no intuito de realizar determinada tarefa, cultivando a solidariedade e cooperatividade, aumentando a autoestima. As atividades são contempladas com alegria, o que contribui para a saúde emocional e espiritual dos participantes. O agricultor Rodrigo Silveira relata que o modo de produção que vem adotando já a algum tempo traz muitas alegrias para toda a família, o que comprova o potencial terapêutico das práticas com a terra:

[...] eu e minha família, a gente desfruta do sistema agroflorestal né, nós estamos um ano mais ou menos envolvidos com esse sistema abundante e ele tem trazidos pra nós muitas alegrias, principalmente de viver uma vida mais harmônica, mais contato com a terra, com a natureza e poder proporcionar isso tudo pro nosso filhinho aí, que é o principal disso tudo né, o futuro [...]

Foram produzidos relatórios referentes a cada uma das ações, podendo ser apresentado para a comunidade para as futuras intervenções como meio de elucidar o que já foi feito e como poderemos avançar na busca da Segurança e Soberania Alimentar. Também foram produzidos audiovisuais que serão utilizados nas campanhas de financiamento coletivo para construção do poço artesiano e ter a autonomia e independência hídrica da comunidade.

As ações proporcionaram a CCA, contemplando conhecimentos técnicos e práticos que possibilitam aos envolvidos praticar agricultura tanto na comunidade como em suas moradias, para aqueles que não residem na comunidade. A comunidade segue executando mutirões agroecológicos quinzenalmente. Cuidando do pomar agroflorestal e da horta que já havia na Comunidade, sempre acompanhada de alguma atividade cultural. A contribuição que mutirões e atividades coletivas dão ao convívio social também é outro aspecto que pode ser observado. Através de um



objetivo comum as relações vão sendo tecidas com um aporte de cooperação, não só com os outros humanos do contexto, mas de toda a vida presente no local formando uma consciência ecológica coletiva promovendo a sustentabilidade de forma ampla e sob vários aspectos.

Através dessas ações, baseadas em metodologias participativas, podemos concluir que o diálogo entre a universidade, comunidades terapêuticas-religiosas e agricultores agroecológicos pode ser de grande importância para a Construção do Conhecimento Agroecológico a fim de suprir as necessidades de ambos, sejam elas de cunho social, econômico, educacional, científico, espiritual, emocional, cultural e ambiental.

Agradecimentos

Agradecemos aos acolhidos e membros da comunidade Santa Marina que se dispuseram a ser também autores deste projeto e desta pesquisa. Aos agricultores que se dispuseram a compartilhar suas experiências de vida para que a comunidade Santa Marina alcance sua autonomia. Ao Dr. Aroldo Felipe de Freitas pelas conversas inspiradoras e por compartilhar um pouco do muito conhecimento agroecológico que carrega. Por fim agradecemos a todos os envolvidos na construção coletiva deste projeto e seu seguimento dedicarem às ações propostas e acreditarem na utopia que a Agroecologia propõe.

Referências bibliográficas

ALTIERE, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 117p.

BERBEL, Nilson Augusto de Melo. (Org.). **Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações**. Londrina: UEL, 1999. 196p.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Segurança alimentar e agricultura sustentável: uma perspectiva agroecológica**. Cadernos de Agroecologia, [S.l.], v. 1, n. 1, nov. 2006. ISSN 2236-7934.

COTRIM, Denise de Souza; DAL SOGLIO, Fabiano Kauer. **Construção do Conhecimento Agroecológico: Problematizando a noção**. Revista Brasileira de Agroecologia, [S.l.], v. 11, n. 3, sep. 2016. ISSN 1980-9735.

FEDRIZZI, Taís Zanatta. **Agricultura Social na Escola Porto Alegre (EPA): o cultivo como terapia, educação ambiental e produção de alimentos**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

GOTSCH, Ernst. **O Renascer da Agricultura**. Tradução de Patrícia Vaz. 2. ed. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1996. 24 p.



GURGEL, Ana Maria; GUEDES, Carla Adriana; FRIEDRICH, Karin. **Flexibilização da regulação de agrotóxicos enquanto oportunidade para a (necro)política brasileira: avanços do agronegócio e retrocessos para a saúde e o ambiente.** Repositório Digital Institucional UFPR. Universidade Federal do Paraná, 2021. 25 p.

HENARES DE MELO, Maria Cristina; CRUZ, Glaucia de Castro. **Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio.** Imagens Da Educação , 4(2), 2014, p. 31-39.

SOUZA, Ana Carolina. **Agroecologia como ferramenta de restauração socioambiental.** Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do X CBA – Vol. 13, N° 1, Mar. 2018.

SOUZA, Bruna Fernanda Naves Jardim de; BERNARDES, Marcus Silva; VIEIRA, Vanessa Cristina Rezende; FRANCISCO, Priscilla Maura Siqueira Barbosa; MARÍN-LEÓN, Letícia; CAMARGO, Dâmaris Fernanda Magri; et al. **(In)segurança alimentar no pré e pós pandemia.** InterAmerican Journal of Medicine and Health, v. 4, 2021, p. 1-10.